

Vítor José Novais. *A proposta da esperança cristã hoje. O contributo de José-Román Flecha*.
Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023, 639 pp.

JORGE TEIXEIRA DA CUNHA*

Um bom livro tem um valor em si mesmo. Mas esse valor não se faz comum se não houver uma receção. É esse contributo para a receção que se pretende fazer aqui, de forma que o esforço criador de Vítor Novais seja um benefício para todos os que o lerem, um crescimento na estima do que deve ser estimado, para que a felicidade do autor seja também a do leitor.

Vou proceder de um modo um pouco formal. Primeiro, darei uma ideia aproximada do conteúdo. Seguidamente, espero pôr em evidência a importância deste texto para o avanço da teologia moral. Finalmente, farei algumas observações conclusivas, de avaliação e de convite a que possam, depois de mim, fruir e aproveitar desta obra que me deu muito gosto a ler.

Trata-se de um texto académico, no melhor sentido desta expressão: a eleição de um tema, o seu desenvolvimento, uma conclusão. Metodicamente exemplar, trabalhando sobre fontes bem conhecidas e inexploradas, tendo em conta a justiça a fazer a estudos anteriores, enfim, dizendo de onde vem e para onde vai.

Depois da introdução, Vítor Novais propõe-nos um grande fresco sobre a descoberta da *Spes*, da esperança, no séc. xx. Essa descoberta é baseada na obra de dois filósofos (Ernst Bloch e Gabriel Marcel) e de dois teólogos (Juergen Moltmann e Juan Alfaro). A escolha aparece muito acertada, pois trata-se de quatro autores de importância reconhecida. Deram ao tema uma amplitude que transcende os limites da teologia. Os

* Universidade Católica Portuguesa; <https://orcid.org/0000-0002-7431-7436>; jtcunha@ucp.pt.

filósofos não andam longe do universo judaico-cristão, um pela via da esperança bíblica mediada por uma assimilação original do marxismo e outro mais pela via do existencialismo espiritualista francês. Os dois teólogos, por sua vez, vão na mesma linha, Moltmann muito influenciado por Bloch e Alfaro mais na linha das reservas da tradição cristã sobre as virtudes teológicas, da esperança propriamente dita.

No segundo momento, o autor entra na exposição da obra de José Flecha Andrès, um homem que deu uma grande importância ao tema da esperança como expressão do cristianismo, em perspectiva de teologia moral. É um percurso pelas fontes bíblicas, históricas e pelo modo como o professor salmanticense pensou a esperança como centro da vida espiritual e moral.

O terceiro momento é a condução das intuições anteriores para a elaboração de uma proposta de moral fundamental. As dimensões da ação esperançosa (teológica, existencial, moral); as categorias de uma moral fundamental situadas no prisma da esperança (a liberdade, a consciência, a responsabilidade, o estilo de vida misericordioso); a ação moral como vivência da esperança (a ação como transformação da espera em esperança, a cura como fruição do porvir de plenitude, o discernimento, na linha do Papa Francisco: acompanhar, discernir, integrar).

O que digo em poucas palavras é desenvolvido em longas e justificadas exposições, como convém a um trabalho deste gênero. Uma conclusão final compendia todo o percurso e mostra de maneira convincente as virtualidades da centralidade da esperança para a teologia moral.

O que aparece mais em evidência no livro é uma diligência acima de qualquer descanso, uma cavalgada insofrida pela planura desmedida da teologia moral, batendo todas as luras, correndo todas as lebres, para usar uma comparação venatória. Esta ânsia vem-lhe certamente da advertência de que a teologia moral necessita de ser reconduzida às suas fontes, caminho que nos indica o Concílio Vaticano II (*Optatam Totius*, 16). Segundo uma definição comum, a teologia moral era a “ciência dos atos humanos, regulados à luz da revelação da razão, e avaliados em vista do fim último”. Mas essa definição continua a necessitar de um grande

refrescamento. O fim último do homem servia apenas aos pregadores antigos para retóricas invetivas aos ouvintes (“Respice in finem!”), as quais, hoje, não produzem qualquer efeito. Por isso, Vítor Novais propõe o robustecimento da esperança, como forma de explicar e motivar a vida moral, segundo esta antiga tradição. A esperança é a vida do tempo, a esperança é a respiração do ser humano diante de Deus. Este texto pretende, pelo contrário, ser um bálsamo revitalizante para a nossa teologia exausta e insignificante.

O tema da esperança entrava na moral tomista pela via do fim último. Na *Summa Theologiae*, esse tema tinha uma grande relevância, sendo o fim último visto como o alinhamento do espírito humano com Deus, fundamento e providência de todas as vidas. Essa grande visão perdeu-se depois, de forma que o fim último era uma referência ao juízo final e à sanção dos comportamentos humanos, numa perspectiva de controle divino sobre o ser humano. E com isso, a teologia moral esvaziou-se da esperança, tornando-se numa normativa desincarnada e vazia. O trabalho de Vítor Novais resgata esse grande mundo para um sentido atual e renovador, como vivência do sujeito crente, como crescimento histórico de uma plenitude sempre presente e a ser assimilada sempre mais ao longo da biografia de cada ser humano concreto.

Não apenas a teologia moral está exausta. Ele parece advertir que a cultura está também ela exausta. Os que, em devido tempo passado, lemos um livro como de A. Malraux (*L'Espoir*), temos hoje a sensação de que essas esperanças do passado séc. xx eram magras e vagas pastagens, quando a seiva da vida em Cristo continuava a correr como água perdida sem atalho enquanto os teólogos persistiam no sono do academismo. Por seu lado, um homem como A. MacIntyre, que só vê ruínas na cultura moral depois que abandonámos a virtude, mostra também como fica inacabado se se contentar com um regresso ao velho somente a partir da filosofia. Para a teologia, por sua vez, o regresso à virtude é um dever, uma vez que a teologia é impossível sem a esperança teológica e uma vez que a cultura necessita desse contributo que a reflexão teológica lhe pode dar desde um horizonte único e fecundo como nenhum outro.

José-Román Flecha veio a Portugal duas vezes em 2012. A primeira, foi logo no início do ano. Veio depois a Braga e aí saiu-lhe o prémio a que muitos não têm direito: o de encontrar um estudioso que leva a sério a sua obra e lhe dá um reconhecimento merecido. A obra de Vítor Novais faz-lhe justiça e leva a sério o esforço do autor leonês, nosso vizinho e ancestral compatriota. A teologia moral que resulta deste esforço repartido entre criador e recetor é um ótimo contributo para uma moral da virtude. A genuína virtude que é necessário resgatar à futilidade e ao extrinsecismo, que está patente numa sátira de Sophia de Mello Breyner segundo a qual “Uma pessoa virtuosa é naturalmente uma pessoa vaidosa”. A esperança é a vida do tempo, a existência frente-a-frente com o Deus de Jesus Cristo, fonte de todas as vidas e vida de todas as biografias. Uma teologia que religa moral e espiritualidade, história pessoal e história comum, graça e ética no melhor sentido que se pode propor.

A obra de Vítor Novais é um marco miliário na sua vida pessoal e uma promessa para a nossa Faculdade de Teologia e para nossa Igreja. Há muito caminho aberto para fundar a esperança. Podemos ainda dizer que as culturas leonesa, galaica e portuguesa têm grandes virtualidades para pensar a esperança teologal. A nossa particular forma de viver o futuro e o porvir, que estão patentes nos estudos mais sérios sobre o tema da saudade, mostra o que acabámos de dizer. Isso poderia ter sido posto em evidência.

O trabalho tem imensas virtualidades de ser continuado. Assim, a vida sacerdotal e docente de Vítor Novais lhe facilite a continuação. A inteligência da esperança é muito importante para a pastoral lúcida de que necessitamos como de pão para a boca neste nosso Portugal e na nossa Igreja de hoje.

O sujeito contemporâneo que somos vive obcecado pela perfeição moral. A cultura do cancelamento, do presente e do passado, não tem falta de lucidez nem de boa vontade. Mas falta-lhe a seiva existencial da esperança, sem a qual todo o progresso é causa de injúria e de sofrimento. O seu trabalho pode dar um grande contributo.

O Papa Francisco tem introduzido muitas novidades na moral e na pastoral. O seu trabalho pode dar-lhe uma grande ajuda para desenvolver as suas intuições que tanta perplexidade causam a tantos cristãos.